

# Ouvi no CT: Um Espaço de Fala das Mulheres no Centro Tecnológico da UFES

Melina Schneider Campo Dall’Orto<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
Vitória – ES – Brazil

melinascdallorto@gmail.com

**Abstract.** *The article presents the project “Ouvi no CT” from the Centro Tecnológico (CT) of Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), which provided a safe space for women to share experiences of harassment and gender violence. Using anonymous questionnaires, 75 responses were collected between 2018 and 2020, revealing the prevalence of different forms of harassment in the CT. The study discusses the actions and impacts of the project, such as the dismissal of a professor accused of harassment and the mobilization of the academic community. It concludes that “Ouvi no CT” was crucial in raising awareness and combating sexism and violence against women at UFES.*

**Resumo.** *O artigo apresenta o projeto “Ouvi no CT”, do Centro Tecnológico (CT) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que ofereceu um espaço seguro para que mulheres compartilhem experiências de assédio e violência de gênero. Utilizando questionários anônimos, foram coletadas 75 respostas entre 2018 e 2020, revelando a prevalência de diferentes formas de assédio no CT. O estudo discute as ações e impactos do projeto, como o afastamento de um professor acusado de assédio e a mobilização da comunidade acadêmica. Conclui-se que o “Ouvi no CT” foi crucial na conscientização e no combate ao machismo e à violência contra a mulher na UFES.*

## 1. Introdução

O assédio é definido como a insistência importuna junto a alguém, com perguntas, propostas, pretensões ou outras formas de abordagem forçada; insistência impertinente, perseguição, sugestão ou pretensão constantes em relação a alguém [de Justiça de Goiás 2021]. Dentre as tipologias definidas na Organização Mundial de Saúde (OMS) [WHO 2002], temos a tortura e as violências física, psicológica e sexual. Configura-se assédio moral quando a pessoa coloca em risco ou causa danos à autoestima, identidade ou desenvolvimento do outro. Na forma de assédio sexual, manifesta-se em comentários com apelos sexuais indesejados, cantadas ofensivas ou abordagens agressivas, partindo de alguém que usa de sua posição de poder, recorrendo à coerção, intimidação ou influência psicológica, forçando a pessoa a ter, presenciar ou participar de interações sexuais, ou a utilizar, de qualquer modo, sua sexualidade.

Todo o contexto da situação de assédio favorece o silêncio das vítimas em relação à comunicação da violência sofrida, uma vez que estas sentem medo de represálias e de serem perseguidas com maior intensidade pelo agressor [Hirigoyen 2006]. Muitas vezes, a falta de registros dos casos e outras denúncias expõem a ausência de espaços

de acolhimento a essas vítimas. No Brasil, dos quase 5.570 municípios registrados até 2018, apenas 1.163 contavam com serviços especializados existentes de enfrentamento à violência contra mulheres [IBGE 2024]. Em 2023, 28,9% das mulheres responderam terem sido vítimas de algum tipo de violência nos últimos 12 meses até a data da pesquisa [Bueno et al. 2023], sendo as mais frequentes as ofensas verbais (23,1%), perseguição (13,5%), ameaças (12,4%), agressão física (11,6%) e ofensas sexuais (9%).

Com um recorte por escolaridade, outra pesquisa revelou que 10% das estudantes universitárias brasileiras entrevistadas relataram espontaneamente terem sofrido violência de um homem na universidade [Avon et al. 2015]. Contudo, esse número sobe para 67% quando é apresentada uma lista de tipos de violências e as entrevistadas reconhecem terem sofrido pelo menos algumas delas. Além disso, 36% afirmam que já deixaram de realizar alguma atividade na universidade por medo de sofrer violência. A privação do exercício acadêmico resulta frequentemente de constrangimentos promovidos por professores, orientadores, funcionários e colegas de turma ou trabalho. A convivência frequente com o agressor e o receio de denunciar a violência perpetuam a impunidade [Barroso 2021].

Trabalhos, pesquisas e movimentos internos buscam expor essa situação grave no âmbito universitário. Na Universidade de São Paulo (USP) foram estabelecidas políticas para enfrentar a violência de gênero após pressão do movimento de professoras e pesquisadoras. O resultado foi a criação da “Rede Não Cala”, que depois se transformou no Escritório USP Mulheres [Mulheres 2017]. Com o desejo de unir as mulheres do CT/UFES, Campus Goiabeiras, ambiente predominantemente masculino, o grupo ‘Mulheres do CT’ foi criado no WhatsApp, composto majoritariamente por alunas e algumas professoras. As participantes, sentindo-se acolhidas e seguras, começaram a compartilhar seus relatos de assédio moral, psicológico e sexual. Cientes desse cenário violento nas universidades e também sofrendo nele, algumas alunas criaram o projeto ‘Ouvi no CT’ em 29 de setembro de 2018, com grupo de WhatsApp e perfil @ouvinoc no Instagram.

O objetivo do grupo sempre foi explicitar a situação violenta existente no CT e dar voz aos casos e aos depoimentos daquelas mulheres. Além disso, é dar apoio na formalização de denúncias em instâncias internas do CT ou na Ouvidoria da UFES, indicar acompanhamento psicológico pelo órgão responsável, a Pró-reitoria de Assistência Estudantil e Cidadania (PROAECI), e propor ações contra o machismo no campus, mobilizando a comunidade universitária ao combate à violência contra a mulher. E, por meio das redes sociais, divulgar comunicados e acontecimentos internos referentes às ações da Universidade sobre o assunto e denunciar outras circunstâncias nas quais as mulheres são vítimas.

O foco deste trabalho é apresentar como o projeto “Ouvi no CT” foi divulgado e acolhido dentro do Centro Tecnológico e na UFES, e como os dados de violência foram levantados. Sabendo que as informações são de maioria qualitativa, vamos discorrer quais ações foram propostas e quais os resultados obtidos com essa mobilização. Com isso, poderemos avaliar o seu impacto na UFES e quais trabalhos futuros poderão ser realizados a fim de aperfeiçoar os resultados no combate ao machismo no centro.

## **2. Trabalhos Correlatos**

Em 2022, pesquisadores tentaram identificar a localidade que causava mais medo e/ou insegurança entre as mulheres que estudam e/ou trabalham no Campus da Univer-

sidade Estadual de Londrina (UEL). [Pereira and de Cássia Campos 2022] propuseram uma avaliação quanti-qualitativa por meio de questionário, divulgando os resultados posteriormente em gráficos [Pereira and de Cássia Campos 2022]. Usando a mesma abordagem, [Ribeiro and da Silva 2018] e [Galvão 2022], por meio de formulários de perguntas e respostas, buscaram informações sociais para traçar perfis dessas mulheres, além de fazer as perguntas pertinentes sobre percepção e vivência universitária de discentes e docentes das engenharias e ciência.

De Carvalho e Rodrigues [de Carvalho and Rodrigues 2021] e das Mercês Silva et al. [das Mercês Silva et al. 2021] fizeram uso da rede social Instagram e seus elementos para coletar os dados, como número de curtidas e comentários. O estudo avaliou perfis do Instagram voltados às mulheres dos cursos de exatas, criados pelas alunas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Universidade Federal do Pará (UFPA), respectivamente. No nosso projeto, essa rede social foi utilizada apenas como meio de divulgação de resultados, discussões acerca de notícias, exposição autorizada de relatos e divulgação de eventos condizentes ao tema, como o empoderamento da mulher, sem fazer análise de evolução do perfil ou suas interações.

### **3. Metodologia**

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário no *Google Forms*. As perguntas, apresentadas na Tabela 1, foram escritas com linguagem informal com a finalidade de trazer mais proximidade e empatia. Para compartilhamento do formulário foi usado, principalmente, o grupo “Mulheres do CT” no WhatsApp, mas também foram utilizadas as conversas diretas com outras alunas, professoras e outros grupos de maioria mulheres do CT/UFES. A ajuda também veio por meio dos compartilhamentos indiretos, tornando o formulário mais conhecido no CT. Foram obtidas 75 respostas, a primeira no dia 27/09/2018 e a última no dia 27/03/2020.

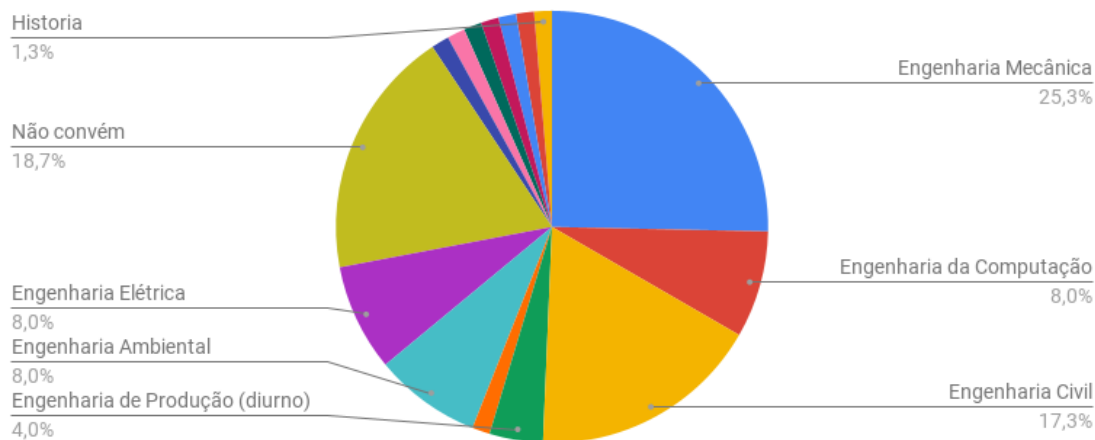
Para serem publicados, os relatos precisam passar por alguns critérios para a segurança dos envolvidos. Eles devem ser previamente autorizados, por meio do formulário, à publicação, e eles não podem ser de terceiros, ou seja, devem ter ocorrido com a própria autora. Além disso, não há divulgação de descrições físicas ou dos nomes dos envolvidos.

A partir das respostas dos formulários, foi possível ter uma visão geral do cenário do CT. A Figura 1, que apresenta a distribuição das respondentes por curso, mostra que a maioria é do curso de Engenharia Mecânica (25,3%), mas surpreende indicando que o formulário foi além do Centro Tecnológico, com participantes dos cursos de História, Direito, Psicologia e Pedagogia. Outro relato revoltante recebido foi o de uma pessoa LGBTQIAPN+. A pessoa sofreu ameaça - assédio verbal-, com manifestação de agressão física.

**Tabela 1. Lista das perguntas realizadas no formulário**

#	Campo	Tipo	Obrigatoriedade
1	Miga, me conta, o que que rolou com você?	Texto longo	Obrigatório
4	Você é aluna de qual curso?	Texto curto	Obrigatório
5	Quantos anos você tinha quando ouviu isso?	Inteiro	Obrigatório
6	Onde você ouviu isso?	Texto curto	Obrigatório
7	Você já foi assediada por algumas dessas pessoas?	Caixa de seleção com as opções: (a) Professor (b) Colega de sala (c) Servidor público (d) Desconhecido dentro da UFES (e) Nenhum.	Obrigatório
9	Quer deixar alguma sugestão de ação, desabafo pros homens, pros professores ou qualquer coisa diferente do depoimento lá de cima (você quem manda, linda)	Texto longo	Opcional
3	Você é...	Caixa de seleção com as opções: (a) Aluna (b) Professora (c) Técnica (d) Visitante (e) Prefiro não me identificar.	Obrigatório
2	O ato foi cometido por um	Caixa de seleção com as opções: (a) Professor(a) (b) Professor(a) que dá aula no seu curso, mas é de outro Centro/Departamento (c) Servidor público (d) Desconhecido dentro da UFES (e) Nenhum.	Obrigatório
9	Caso deseje que nosso grupo entre em contato para saber mais detalhes do caso e ajude de forma mais específica, favor inserir um meio de comunicação (email, telefone, @)	Texto longo	Opcional
13	Você autoriza a publicação de seu relato de forma anônima?	Sim ou Não	Obrigatório

**Contagem de Você é aluna de qual curso?**



**Figura 1. Distribuição de respondentes por curso.**

## **4. Resultados Alcançados**

### **4.1. Reunião do Departamento da Engenharia da Mecânica**

Um dos resultados imediatos após a criação do projeto foi a convocação, por meio do Departamento de Engenharia Mecânica do Centro Tecnológico, para a reunião da Câmara em 25 de outubro de 2018. A participação dos alunos foi viabilizada, apesar das aulas, conforme a orientação do Prof. Dr. Márcio Coelho, do mesmo departamento. No comunicado, foi ressaltada a importância do comparecimento dos demais docentes, tendo em vista a gravidade do tema objeto da primeira pauta: “reclamações de assédio e desrespeito feitas por alunas do Curso de Engenharia Mecânica”, dizia o e-mail de divulgação.

Na reunião, foram repassadas partes do Regimento Geral da UFES e Regimento do CT, as quais enfatizavam a responsabilidade do docente na interação docente-discente, assegurando que sempre é de forma respeitosa, principalmente no âmbito universitário. A reunião contou também com a presença de representantes da Ouvidoria da UFES, que instruíram a como fazer uma denúncia ao órgão, os quais foram questionados sobre o sigilo do denunciante durante o processo. De acordo com o estudante que participou da reunião, “aquela era a primeira vez que esse assunto entrava em pauta”, devido à criação e denúncias pela página do Instagram.

### **4.2. Afastamento de professor**

Dentro da UFES, algumas das alunas de mestrado, doutorado e estágio do Departamento de Engenharia Ambiental (DEA) viviam um pesadelo que parecia não estar perto de acabar. Elas tentavam, desde 2021, denunciar a violência sofrida na academia, e fora, pelo então orientador, sempre numa condição de superior ao subalterno. Com medo de exposição e perseguição, elas não queriam que o caso fosse resolvido dentro da universidade, e, então, procuraram a Polícia Federal e a Delegacia da Mulher. Porém, eram constantemente desestimuladas a formalizar a denúncia e foram hostilizadas ou ignoradas em suas solicitações, além de terem seus relatos revertidos à culpabilização das próprias vítimas [Couzemenco 2024].

Em março de 2022 foi aberta, dentro da universidade, a primeira denúncia formal sobre o caso. As vítimas, buscando ajuda para fugir da perseguição que sofriam do agressor, procuraram diretamente outro professor do mesmo departamento, que apoiou e incetivou a formalização da denúncia. Antes dessa data, tinham tentado denunciá-lo ao CT, ao qual a Engenharia Ambiental é vinculada, mas não conseguiram. De acordo com o novo orientador das alunas, eles “não aceitaram, disseram que eu não tinha provas, o que é estranho também, porque como servidor público, se eu fizesse uma falsa denúncia, recorreria em prevaricação”. A formalização da denúncia também foi de autoria da professora do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), que também é coordenadora do programa de extensão FORDAN - Cultura no Enfrentamento às Violências, e integrante do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE-Ufes) [Couzemenco 2023b][Pires et al. 2023].

Em agosto de 2022, o “Ouvi no CT” foi procurado por uma das alunas, estranhando a demora do andamento do caso dentro da universidade. Após entender um pouco do que acontecia, o passo seguinte foi entrar em contato com a Diretoria de Assistência Estudantil da PROAECI por meio do psicólogo responsável. Foi realizada uma reunião sigilosa *online* com uma representante do projeto “Ouvi no CT”, Melina Campo Dall’Orto,

psicólogo, as vítimas e o professor que as apoiava. Vários foram os insultos falados, tais como “elas são incapazes de concluir o mestrado/doutorado”, que “eram burras”.

Apenas em fevereiro de 2023, a UFES abriu uma comissão de sindicância sobre o caso e, somente em abril de 2023, o documento foi encaminhado aos Ministérios Públicos Estadual e Federal (MPES e MPF) e às Defensorias Públicas Estadual e da União (DPES e DPU). O documento contém denúncias de assédio sexual e moral, e descreve as ofensas que se seguiam mediante as recusas das alunas em ceder aos convites do assediador para sair com ele. As vítimas relatam que “ele começou a fazer constrangimento moral e tomar atitudes para prejudicar os estudos, como atrasar o envio de notas sobre avaliações acadêmicas e ameaçar de retirar bolsas de apoio financeiro” [Couzemenco 2023b]. Esse documento cita ainda o registro de uma denúncia de 2018 contra o mesmo professor agressor, na Vara de Violência Contra Mulher, “Convertido (a) o(a) Julgamento em Diligência Segredo de Justiça e remetido para 2ª Vara da Infância e da Juventude de Vitória”. A investigação está registrada no Processo Administrativo Disciplinar (PAD) nº 23068.067438/2022-11 [Luchi 2022a, Luchi 2022b, da União]. Quase 6 (seis) meses após a abertura da sindicância interna, realizou-se uma audiência com depoimentos das alunas, professor acusado e o então diretor do CT/UFES, que fez esse pedido ao reitor da universidade na época [Couzemenco 2024].

Finalmente, em 2024, o agressor foi impedido de assumir a chefia do Departamento de Engenharia Ambiental da UFES, do qual fazia parte. Isso devido à punição recebida no PAD, que investigou as denúncias com os assuntos associados aos fatos de assédios moral e sexual, também como falta de urbanidade, conduta escandalosa, incontinência pública, manifestação de apreço ou desapeço e conduta de conotação sexual. Formalizada pela Portaria de Pessoal nº 676, de 23 de maio de 2024, o impedimento da nomeação é a recomendação da Procuradoria Federal da UFES (PF-UFES) – Parecer PF-Ufes nº 245/2024 – em resposta ao pedido de orientação solicitado pela Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep) a respeito do caso. Ele foi suspenso de suas funções de professor por 90 dias, a partir do dia 24 de maio.

O afastamento do servidor punido é sem vencimentos. Além dele ficar privado dos direitos inerentes ao cargo, só receberá vantagens após o encerramento da penalidade [Couzemenco 2024]. No entanto, não perde o vínculo com o ente empregador e ainda consta como coordenador do Laboratório de Gestão do Saneamento Ambiental (LAGESA) da UFES. O caso evidenciou o despreparo da universidade em acolher as vítimas de violências dentro dos *campi*, a situação de fragilidade das mesmas - uma vez que ainda receberam represálias do professor agressor, além de permitir uma punição de curto período e branda ao culpado [Lisboa and Pereira 2024]. Em [Couzemenco 2024], a coordenadora do Fordan evidencia a postura negacionista e revitimizadora que se repete, via de regra, nas universidades brasileiras [Couzemenco 2024] e ressalta que o caso é mais um exemplo da negativa recorrente da universidade, não só a capixaba, em reconhecer os crimes de assédio e outras violências [Couzemenco 2023a].

### 4.3. Divulgação

Outro resultado foi a divulgação de alguns relatos do formulário sob a forma de *posts* no Instagram<sup>1</sup>. Atualmente, são 1.587 seguidores na página, sendo 75,4% de mulheres, e

<sup>1</sup><https://www.instagram.com/ouvinoc/>

dentre essas, 62,5% tem entre 25 a 34 anos e 22,6% tem entre 18 e 24 anos.

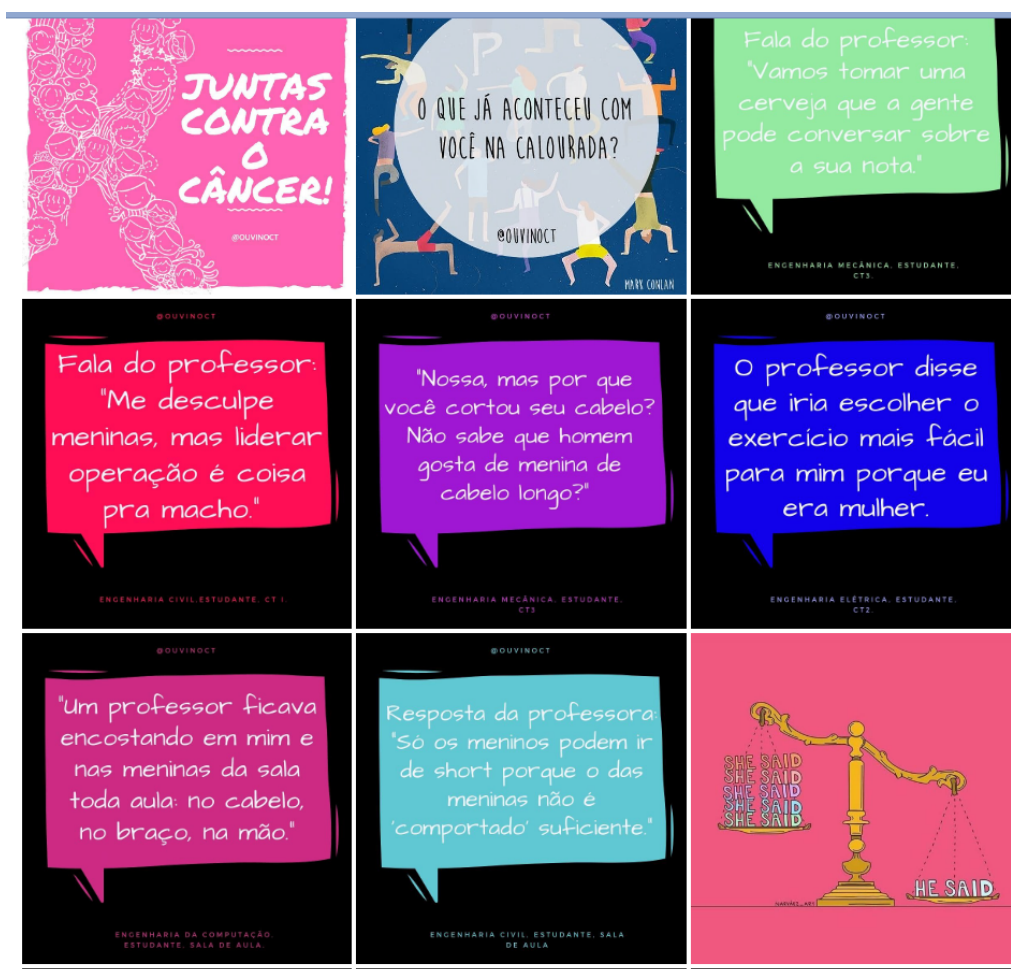


Figura 2. Exemplos de publicações no Instagram.

Apenas 10 (dez) dias depois da criação do projeto, o jornal A Gazeta acompanhava o começo da movimentação do perfil no Instagram @ouvinocT. Constatava que a página, naquela primeira semana, já tinha superado os 1 mil seguidores e já reverberava além das portas do CT da UFES. A entrevistada, Carolina Maia, representante do “Ouvi no CT”, fez questão de enfatizar esse anseio das mulheres serem ouvidas, ultrapassando fronteiras:

*“Nós já recebemos algumas mensagens no nosso perfil de meninas de outros cursos da Ufes, do Ifes e outras faculdades daqui e até de Minas Gerais que relataram situações que aconteceram com elas também.”*  
[Gazeta 2018].

#### 4.4. Roda de conversa no CT

Menos de um ano desde a criação do projeto “Ouvi no CT”, o Programa de Educação Tutorial (PET) da Engenharia Elétrica/UFES promoveu, com realização das Prof<sup>as</sup> Dra. Raquel Frizera Vassallo, do Departamento de Engenharia Elétrica, e da Prof<sup>a</sup> Dra. Cláudia Murta, do Departamento de Filosofia, uma roda de conversa com foco no assédio às estudantes da UFES. Esse movimento foi significativo, pois colocou o CT atuante na causa

da não violência contra as mulheres na UFES, desvencilhando-se de uma posição neutra ou até ignorante às causas político-sociais na universidade.

A mesa contou com Catarina Cecin, presidente da Comissão de Assédio da UFES, Fernanda Braumer, mestre em segurança pública, Edileuza Cupertino, representante do Ministério da Saúde e a presença da Comissão Própria de Avaliação da UFES e de duas das criadoras do Ouvi no CT, Ingrid Reis e Melina Campo Dall’Orto. O evento foi comunicado por e-mail pelo Portal do Professor aos alunos do Centro Tecnológico.

## **5. Considerações Finais**

O impacto na dinâmica universitária do CT, no Campus e até fora dele, foi visível com a criação do projeto “Ouvi no CT”, demonstrado pelos resultados alcançados. Notou-se que era preciso tornar pública a violência praticada contra estudantes e servidores, majoritariamente mulheres, naqueles espaços. Também foi demonstrado que denúncias e mobilizações podem gerar consequências reais e positivas. E, ressaltam a importância de continuar essas ações e ampliar discussões sobre violência de gênero na academia. O questionário representa um primeiro passo para expor a hostilidade sofrida, revelando a gravidade do problema de violência de gênero no CT, as diferentes formas de assédio e os ambientes usados pelos agressores, todos do sexo masculino.

É importante, também, apontar as limitações desse projeto. É preciso fazer uma revisão da metodologia usada e, assim, conseguir classificar melhor as características das ocorrências. Uma sugestão é incluir outras perguntas relevantes ao tema e análise, permitindo mapear possíveis padrões e criar ações práticas contra os assédios. Além disso, é imprescindível ampliar os grupos que sofrem os tipos de assédio dentro do CT, viabilizando análises raciais e demais gêneros, incluindo importância no apoio à Comunidade Negra e à população LGBTQIAPN+.

A luta pela igualdade de gênero e segurança das mulheres na academia é contínua e exige esforço de toda a comunidade. Novos estudos e pesquisas devem ser realizados para aprofundar o entendimento do cenário atual do Campus UFES e recomenda-se um andamento mais rápido nos processos de denúncias, além de aplicação de punições mais assertivas e corretas contra os agressores. Essas demandas são de responsabilidade da Universidade, portanto, é essencial que essa defina recursos para o acolhimento das vítimas e atue de acordo na responsabilização dos agressores. A decisão do presidente Lula da Silva em setembro de 2023, aprovando o parecer da Advocacia Geral da União (AGU), que recomenda a demissão de servidores que cometerem assédio sexual, reforça essa necessidade [de Comunicação Social AGU 2023][Couzemenco 2024].

## **Agradecimentos**

Agradeço imensamente a todas as mulheres que embarcaram na criação do “Ouvi no CT”, as que responderam o formulário com suas histórias tão pessoais e doloridas e as que divulgaram o projeto e as ações promovidas por meio dele. A coragem e contribuição de vocês foram fundamentais para o sucesso e o impacto do projeto no CT, nas mudanças significativas no combate à violência de gênero no ambiente acadêmico do centro. Reconheço Jéssica Gavina, Carolina Maia, Karenn Gusmão e Ana Karolina Hott, também participantes e cocriadoras do projeto, no apoio durante o projeto e em trazer informações para este trabalho. Obrigada a PROAECI e a FORDAN pelo trabalho



contínuo. E também à Prof<sup>a</sup> Karin Komati, que não só auxiliou na escrita e revisão do artigo, mas também incentivou e reconheceu a importância da publicação dele.

## Referências

- Avon, I., Popular, D., and Brasil, O. M. (2015). Violência contra a mulher no ambiente universitário. Disponível em: [https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Pesquisa-Instituto-Avon\\_V9\\_FINAL\\_Bx-2015-1.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Pesquisa-Instituto-Avon_V9_FINAL_Bx-2015-1.pdf). Acessado em 18 de julho de 2024.
- Barroso, M. F. (2021). *Violência contra as mulheres nas universidades*. Editora da Universidade Federal do Amazonas-Edua, Manaus.
- Bueno, S., Martins, J., Brandão, J., Sobral, I., and Lagreca, A. (2023). Visível e invisível: a vitimização de mulheres no brasil. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/224>. Acessado em 18 de julho de 2024.
- Couzemenco, F. (2023a). Sindicância contra professor da Ufes acusado de assédio sexual faz audiência. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/direitos/sindicancia-contra-professor-da-ufes-acusado-de-assedio-sexual-faz-audiencia>. Acessado em 18 de julho de 2024.
- Couzemenco, F. (2023b). Órgãos de justiça recebem denúncia de assédio sexual contra professor da Ufes. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/justica/orgaos-de-justica-recebem-denuncia-de-assedio-sexual-contra-professor-da-ufes>. Acessado em 18 de julho de 2024.
- Couzemenco, F. (2024). Professor acusado de assédio sexual é impedido de assumir chefia de departamento. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/justica/professor-acusado-de-assedio-sexual-e-impedido-de-assumir-chefia-de-departamento>. Acessado em 18 de julho de 2024.
- da União, C.-G. Consulta de processos. Consulta de Processo nº 23068.067438/2022-11. Instauração: 27/03/2023, Concluído - Julgado: 17/05/2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cgu/pt-br/assuntos/atividade-disciplinar/cgu-pad/consulta-de-processos-1>. Acessado em 12 de julho de 2024.
- das Mercês Silva, S., Matos, G. S., Nascimento, T. A., and Araújo, F. P. O. (2021). Redes sociais como ferramenta de visibilidade das mulheres nas ciências exatas: análise do perfil@ lindasdaengenharia. In *Women in Information Technology (WIT)*, pages 330–334. SBC.
- de Carvalho, Z. N. P. and Rodrigues, S. A. B. (2021). Assédio sexista no ambiente acadêmico e o caso midiático da UFCG: as redes sociais como aliadas na militância online. *Cambiassu*, 16(28).
- de Comunicação Social AGU, A. E. (2023). Parecer da agu fixa pena de demissão para casos de assédio sexual nas autarquias e fundações públicas federais. Disponível em: <https://www.gov.br/agu/pt-br/comunicacao/noticias/parecer-da-agu-fixa-pena-de-demissao-para-casos-de-assedio-sexual-nas-autarquias-e-fundacoes-publicas-federais>. Acessado em 18 de julho de 2024.

- de Justiça de Goiás, T. (2021). Assédio moral, sexual e discriminação no âmbito do tribunal de justiça do estado de goiás. <https://www.tjgo.jus.br/index.php/assedio-moral-sexual-e-discriminacao>.
- Galvão, A. K. d. S. (2022). Análise da questão de gênero na vivência de mulheres nas engenharias do centro de tecnologia da UFC. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Engenharia Civil, Fortaleza.
- Gazeta, R. A. (2018). Alunas de engenharia criam instagram para denunciar assédio na ufes. <https://www.agazeta.com.br/es/gv/alunas-de-engenharia-criam-instagram-para-denunciar-assedio-na-ufes-1018>.
- Hirigoyen, M.-F. (2006). *Mal-estar no trabalho: redefinindo o assédio moral*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, Brasil.
- IBGE (2024). Estatísticas de gênero - indicadores sociais das mulheres no brasil.
- Lisboa, N. and Pereira, F. (2024). Panos quentes queimam quem denuncia: Propostas a partir do feminismo decolonial para superação da violência de gênero na universidade pública. *Comparative Cultural Studies: European and Latin American Perspectives*, (18):1–24.
- Luchi, L. A. R. (2022a). Portaria de pessoal CT/UFES nº 12 de 13 de junho de 2022. Disponível em: [https://ct.ufes.br/sites/ct.ufes.br/files/field/anexo/portaria\\_12-\\_sindicancia\\_investigativa.pdf](https://ct.ufes.br/sites/ct.ufes.br/files/field/anexo/portaria_12-_sindicancia_investigativa.pdf). Acessado em 31 de julho de 2024.
- Luchi, L. A. R. (2022b). Portaria de pessoal CT/UFES nº 19, de 10 de agosto de 2022. [https://ct.ufes.br/sites/ct.ufes.br/files/field/anexo/portaria\\_19-\\_prorrogacao\\_sindicancia\\_investigativa.pdf](https://ct.ufes.br/sites/ct.ufes.br/files/field/anexo/portaria_19-_prorrogacao_sindicancia_investigativa.pdf).
- Mulheres, E. U. (2017). Escritório USP mulheres - relatório de atividades 2016-2017. Disponível em: <http://uspmulheres.usp.br/wp-content/uploads/sites/145/2016/05/Relatório-de-Atividades-2016-2017.pdf>. Acessado em 12 de julho de 2024.
- Pereira, G. d. A. S. and de Cássia Campos, M. (2022). Percepções sobre violência de gênero: um estudo com mulheres que vivenciam o campus universitário da UEL-Londrina/PR. *Ateliê Geográfico*, 16(1):254–270.
- Pires, R. S., Teixeira, M. R. R., Borges, L., Silva, A., da Silva de Carvalho, H. I., Barros, W., de Castro, C. A., de Vincenzi, B. V., Cavalcanti, V. R. S., Jacinto, A. L. D., Rodrigues, A. B., Range, C. M., and Couzemenco, F. (2023). Violências nas universidades: o acolhimento às vítimas e enfrentamento às violências de gênero e raça. Disponível em: <https://cefd.ufes.br/fordan>. Acessado em 18 de julho de 2024.
- Ribeiro, M. F. C. and da Silva, K. L. (2018). Iniciativas feministas em combate ao machismo sistêmico no curso de engenharia elétrica da UFRN. In *Anais dos Encontros Nacionais de Engenharia e Desenvolvimento Social*, volume 15.
- WHO (2002). World report on violence and health. Disponível em: [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/) em inglês. Acessado em 12 de julho de 2024.